

“CONVERSANDO COM NÉLIDA PIÑÓN”

Márcia Cavendish Wanderley

Universidade Federal Fluminense

E-mail: marciacw@centroin.com.br

A sensibilidade e a competência de uma pesquisadora literária especializada em crítica genética como *Sylvie Josserand* foram determinantes da qualidade desta primorosa edição e publicação em livro do texto *Nélida Piñón frente à sua obra: escrita e manuscritos: diálogos com a escritora*, feita através do *Centre des Recherches Latino-Américaines-Archives*, Série *Rescate*, do qual esta pesquisadora é responsável, científica e editorialmente, pelo setor brasileiro.

Mais que uma simples entrevista, as inteligentes sugestões/questões lançadas por Sylvie deram lugar a um diálogo espontâneo e natural, no qual a entrevistada, nossa reconhecida internacionalmente romancista e contista *Nélida Piñón* não apenas responde, mas descobre peculiaridades a respeito da gênese de sua própria obra para as quais não tinha até então voltado seu olhar. Descobertas compartilhadas com o público leitor quando, instigada pelas provocações de sua interlocutora, Nélida abrirá seu laboratório secreto de criação, desvendando sua obra em pleno nascimento.

A indagação de Sylvie a respeito dos instrumentos utilizados neste processo de criação (O que encontramos na mesa de Nélida Piñón: papel e caneta ou computador e impressora?) foi a pedra de toque que desencadeou a cascata de informações trazidas à tona por Nélida, que termina por se descobrir como uma escritora especial para a crítica genética, na medida em que possui um verdadeiro arquivo de tudo o que escreveu até hoje, guardado com perfeita organização. Foram variados os instrumentos de produção utilizados pela autora neste longo percurso: máquina de escrever, incursões rápidas no computador e finalmente volta às origens do texto escrito à mão, com sucessivas canetas que vão sendo esgotadas e desprezadas para dar lugar a novas, e também ao nascimento e continuidade do texto. O manuscrito, este que é “segredo, desejo escuro, lado escondido da obra”, segundo Sylvie Josserand, mas ao mesmo tempo alegria e manancial da crítica genética, foi a última escolha de Nélida que assim produz, até hoje, o seu texto. E tal produção vem sendo armazenada desde o início de sua trajetória, datada da pré-adolescência (10 e 12 anos), quando teve consciência da necessidade de “preservar cada passo dado dentro desse hemisfério mágico das palavras” e de guardar as provas do caminho percorrido. Categoricamente

afirma que, a partir do seu primeiro romance – *O guia-mapa de Gabriel Arcanjo* –, “eu tenho tudo guardado”. Segundo suas próprias palavras: “Só para dar-lhes uma ideia: do livro *A república dos sonhos*, eu tenho sete versões completas. Tudo isso ‘feito à máquina e, encimando cada linha à máquina, correções à mão.’”

Apesar de percebermos, desde já, a importância que a riqueza deste material arquivado pela autora possui para a crítica genética, consideramos talvez mais importantes as revelações de natureza subjetiva com as quais Nélide nos brinda neste diálogo/entrevista tão sabiamente conduzido por Sylvie, quando sutilmente leva a escritora a descrever seus rituais de intimidação diante do texto (que “se penteava, arrumava e perfumava para escrever”, timidez que foi sendo perdida sem atingir, no entanto, jamais a arrogância); a nos falar dos excessos acumulados durante a vida (de objetos e coisas materiais) e da necessidade de eliminá-los, principalmente de sua necessidade atual de “limpar a mesa de trabalho e a mesa da vida” – um sentimento que denuncia seu progressivo despojamento – daquilo que não tem real valor para a existência e para o espírito. Estas e outras ideias foram consubstanciadas em confissões que não se referem apenas ao processo criativo, mas à própria existência, e possuem valor inestimável porque expõem a humanidade de Nélide Piñon. Humanidade que se revela extremamente compadecida por nossas precariedades e fragilidades como seres humanos, apesar de atuarmos, como se fôssemos poderosos, através de máscaras e disfarces. Mantendo o olhar necessariamente distanciado dos fatos de sua própria experiência, um distanciamento necessário à tarefa do escritor, mergulha, no entanto, profundamente na experiência alheia, retirando dali o seu húmus, “seiva” com a qual enriquece o próprio texto.

Outro exemplo destas revelações está no momento em que Nélide, conduzida por Sylvie através de uma de suas perguntas mais “agudas” feitas a respeito da legitimidade ética da publicação póstuma de um texto de autor que foi esquecido na gaveta, demonstra sua perplexidade diante desta possibilidade, pois que ela própria se acha a única autorizada a dar um veredicto final a respeito de um texto seu:

[...] eu vou refazendo o texto, vou refazendo o texto e sou levada pelo sentimento muito nítido de que eu estou autorizada a corrigir o texto, mas não a asfixiá-lo. Então como descobrir esse meio-termo? Você tem que ficar num lugar onde o texto tem emoção. Porque senão você mata o texto.

Mas quanto ao controle do que foi escrito e a propriedade de publicá-lo ou não, isto deve estar exclusivamente sob seu domínio. Este mesmo comportamento pode ser estendido a seu famoso arquivo e a tudo que guardou tão zelosamente durante tantos anos: manuscritos, textos datilografados, cópias e até mesmo diários de viagens e tanta coisa mais que constitui esse tesouro do qual a escritora se envaidece, pois é no Brasil uma pioneira e representante quase única dessa espécie.

Creio que um depoimento como este, que é uma verdadeira joia para estudiosos da literatura, desnuda o coração da matéria do processo criativo da autora, que se confessa:

eu sou, desde menina, escritora em tempo integral, mesmo na minha vida íntima, mesmo nos meus atos íntimos, eu sou uma escritora [...] olho tudo como quem sabe que será uma fatalidade para minha consciência literária arrecadar os fundos da vida. O tempo todo [...] eu não sei ser outra coisa.

Em suma, pode-se afirmar que, com honestidade moral e intelectual. Nélida abre nessa entrevista não apenas alguns segredos da genealogia de sua criação, mas também alguns outros, recônditos segredos, do seu coração. Congratulamos a Sylvie Josserand pela proeza de realização tão importante.